

As mulheres na guerra



Cartaz apelando às mulheres para se associarem ao Departamento de Ajuda Voluntária (VAD).



Taxista em Paris, foto de 1929.

Durante a guerra, as mulheres europeias encontraram novas oportunidades profissionais. Os homens eram chamados a combater, pelo que as mulheres tiveram de os substituir em muitos trabalhos.

Nesta guerra, perto de 23 000 mulheres serviram como enfermeiras e mais de 15 000 foram assistentes voluntárias. No total, mais de 100 000 mulheres prestaram serviço na guerra como não combatentes. A indústria de munições empregou cerca de 900 000 mulheres; muitas outras trabalharam em minas, na construção civil, na lavoura, como condutoras de autocarros e taxis, cozinheiras, datilógrafas, mulheres de limpeza, motoristas, mecânicas...

Aquando do regresso dos soldados, esperava-se que as mulheres deixassem estes empregos, mas muitas não o fizeram. Os próprios patrões preferiam ter mulheres nas suas fábricas, pois o salário era mais baixo, sendo, por vezes, metade do dos homens.

As oportunidades profissionais melhoraram muito após a guerra. Em alguns países da Europa, as mulheres puderam frequentar as universidades e exercer profissões até então reservadas aos homens.

Outra grande mudança foi o direito ao voto. Em Inglaterra, a partir de 1918, as mulheres com mais de 30 anos puderam votar e, em 1920, foram os EUA a garantirem este direito.

Todas estas alterações vão dar origem a novas atitudes por parte das mulheres europeias e americanas, tais como novas formas de vestir, novos divertimentos, mas também novas dificuldades, como a tarefa de conciliar o trabalho com uma vida familiar, que continuava a basear-se no trabalho da mulher.



A moda nos finais da década de 20 do século passado, na revista *Ilustração Portuguesa*.